

Durante a maior parte de minha vida, tive de me contentar em saber que, em algum lugar no mundo, havia um homem que me amava.

«Seu pai era um soldado japonês»

FREDA RIJNDERS

TUDO ESTAVA calmo em minha casa naquela manhã de sexta-feira 29 de novembro de 1991. Nossos filhos, Michael, de 21 anos, e Chester, de 19, já tinham saído para a faculdade, onde estudavam respectivamente Comércio e Tecnologia. Ron, meu marido, estivera de serviço durante a noite e ainda dormia. Era uma casa calma no bairro tranqüilo de Almelo, num dia como outro qualquer. De repente, o telefone tocou.

«Aqui é o tio Benno», anunciou uma voz do outro lado. Era um dos

irmãos de minha mãe. Desde que ela morrera, havia quatro anos, nunca mais entráramos em contato. «Não sei se as notícias que tenho para lhe dar são boas ou más», avisou ele, «mas acabo de receber uma chamada da JIN, a Associação dos Descendentes de Nipo-Indonésios. Parece que seu pai anda à sua procura.»

Meu *pai* procurando por *mim*? Comecei a tremer.

«Telefone para a Associação se quiser saber mais», recomendou meu tio.

Meio cega pelas lágrimas que de

repente irromperam, anotei o número que ele me deu, agradei e desliguei. Depois, continuei chorando por longos minutos.

Aos 46 anos, com um casamento feliz e mãe orgulhosa de dois filhos talentosos, há muito que aprendera a viver com o único vazio de minha vida: um pai que nunca conheceu. Agora, soluçando, voltava a ser aquela criança de 10 anos, assustada e confusa, ouvindo minha mãe dizer, fria e distante: «Seu pai era um soldado japonês, mas você não pode dizer isso a ninguém.»

Tal coisa se passava em 1955, um ano após minha mãe, minha avó e eu nos termos mudado da Indonésia para a Holanda. «Sua avó acha que você deve saber disso, pois podia ouvi-lo da parte de estranhos», continuou minha mãe com firmeza. «Mas é um assunto que não lhe diz respeito e eu não quero falar dele.»

UMA das primeiras recordações que guardo de meu país de origem são imagens da casa comprida de meus avós na cidade de Salatiga, no centro de Java, onde nasci no dia 1.º de setembro de 1945. Tal como muitas outras, nossa família vivera nesta colônia holandesa ao longo de muitas décadas, desde que, em finais do século passado, meu bisavô deixara sua Frísia natal para tentar a sorte no Oriente. Estabelecendo-se em Java, desposara uma jovem local. Nos anos que se seguiram à Primeira Guerra Mundial, a casa de Salatiga foi residência de uma série de tios e tias, bem como de minha mãe e

seus pais. Nunca conheci meu avô. Uma doença pulmonar, contraída durante os anos que passara num campo de prisioneiros japonês, vitimara-o muito cedo.

A razão pela qual tivéramos de sair de nossa casa só se tornou clara para mim muito mais tarde. Em agosto de 1945, três dias após a Segunda Guerra Mundial terminar com a capitulação das forças japonesas, os nacionalistas proclamaram a República da Indonésia. Quando a ocupação japonesa acabou, eles se opuseram ao regresso dos holandeses à sua antiga colônia. A transferência de soberania dar-se-ia em 1949, após quatro anos de guerrilhas. Para as famílias cruzadas, como a nossa, a vida foi-se tornando cada vez mais difícil, até que, em 1954, nós partimos.

Pouco depois de chegarmos à Holanda, estabelecemo-nos em Holten. Desde que minha mãe me dera aquele aviso, sentia-me acanhada junto das outras crianças e qualquer referência a pais era o suficiente para eu me assustar. Por que não podiam as pessoas saber que o meu era japonês? Por que mamãe não queria falar dele? Decidi dizer que ele morrera. Na escola, meus colegas, penalizados comigo, deixaram de fazer perguntas.

Aos 13 anos, entrei para uma escola secundária, indo todas as manhãs de bicicleta até lá com os gêmeos Hennie e Truus. Muitas vezes, ao parar em casa deles, seus pais ainda estavam tomando seu desjejum e ofereciam-me uma chávena de chá

com bolachas. Eu adorava o conforto de uma refeição em família, mas aquilo também me perturbava. Por que podiam as outras crianças falar de seus pais de forma tão natural, ao passo que, para mim, ter um pai só me trazia tristeza, receio e vergonha?

Certa noite, senti que já não agüentava mais. Mamãe estava sentada na sala, lendo. «Posso perguntar uma coisa?», comecei. Ela levantou os olhos do livro com um ligeiro sorriso nos lábios, como se seus pensamentos a tivessem levado longe dali. Senti um acesso de raiva. Ela era minha mãe. Por que não me ajudava então? Respirei fundo e disse: «Por favor, mãe, pode me dizer algo mais sobre meu pai?» De imediato, seu sorriso congelou e seu olhar pareceu transfixar-me. Depois, com os olhos rasos de lágrimas, sacudiu negativamente a cabeça. Eu, assombrada pelas emoções que lhe despertara, subi as escadas e fui para a cama.

Mamãe deve ter sentido que me devia uma explicação, pois dois meses depois me chamou e me passou alguns papéis escritos. «São cartas que seu pai me enviou há muito tempo», disse ela. «Pode ficar com elas, mas nunca mais quero ouvir falar neste assunto.»

Fechei-me em meu quarto e abri aquelas folhas com as mãos trêmulas. Eram duas cartas, uma escrita a lápis e a outra a tinta, ambas em inglês. «Querida Nolly», li. «Quero ser um bom pai para nossa filha e um bom marido para você.» Meus olhos se encheram de lágrimas. Ele sabia de minha existência e gostava de

nós! Senti-me reconfortada com todas as palavras ali escritas. Chamava-me *Yuli*, que em japonês significa lírio. Era um homem bom e afável, eu sabia! Assinava com o nome de Kazuo Satoh. A segunda carta datava de 1948. «Querida Nolly», dizia. «Voltarei, se não este ano, no próximo. Mas voltarei.» Ter-lhe-ia minha mãe dito para não regressar? Dava um endereço em Osaka. «Vou escrever para ele eu própria», pensei, percorrendo o quarto de um lado para outro. «Assim, poderei dizer-lhe o quanto sinto a sua falta.»

Sentei-me logo para redigir uma carta. «Sou sua filha Yuli», escrevi, e continuei, perguntando por que ele jamais retornara, embora o tivesse prometido. Foi com o coração a galope que coloquei a carta numa caixa de correio. «Se mamãe soubesse, tinha um ataque», avaliei.

Mas as semanas foram passando sem que chegasse resposta. Enviei-lhe outra carta, um postal, e depois um cartão de Natal. Nada. Estaria morto? Ou já não se interessaria por sua filha holandesa? Minha única esperança era de que ele se tivesse mudado.

Em 1960, fomos viver em Almeloo, onde conheci Ron Rijnders. Tal como eu, Ron era de origem indonésia. Por ser marinheiro mercante, tinha às vezes de se ausentar durante um ano ou mais, mas senti que me podia abrir com ele a respeito de meu pai. Ron me aconselhou a escrever para a Cruz Vermelha e para a embaixada do Japão. A Cruz Vermelha me respondeu, dizendo que

Satoh era um nome muito vulgar no Japão e que, sem mais informações, nada poderia fazer para me ajudar.

Fiquei abatida, mas Ron se manteve otimista. Na vez seguinte que seu barco aportou em Osaka, ele pegou um táxi e foi até a casa para onde eu escrevera, mas a senhora idosa que lá vivia não sabia de nada. Mais outra tentativa sem resultado.

Nos jornais e na televisão holandeses, havia uma série de histórias sobre a guerra no Pacífico e os japoneses, e aquilo me fazia sempre me sentir culpada e desconfortável. Também em minha família, quando meus tios nos visitavam no aniversário de mamãe, a conversa, inevitavelmente, acabava nisso. Um de meus tios estivera num campo de prisioneiros durante a ocupação japonesa e outro fora obrigado a trabalhar numa estrada de ferro na Birmânia, onde «cada metro custara uma vida.»

«Não é de espantar que mamãe sinta vergonha», pensei. Fora namorada de um soldado japonês. Sem dúvida que, aos olhos de seus irmãos, colaborara com o inimigo. Mesmo assim, continuei a guardar as cartas de meu pai com carinho.

Apaixonei-me por Ron e ele por mim. Quando fiz 23 anos, resolvemos casar. A cerimônia, na antiga Câmara Municipal de Haia, trouxe-me um último momento de angústia: ao ouvir a declaração oficial do nome de meus pais, pensei: «Agora todo mundo sabe.» Olhei então para o homem que me amava, ali de

pé a meu lado, e compreendi que não deveria deixar minha tristeza estragar nosso futuro um ao lado do outro. «Começaremos nossa própria família», disse eu para ele.

Após o nascimento de nossos dois filhos, Ron arranhou emprego em terra, na Urenco, em Almelo. Com Michael e Chester, eu estava decidida a criar a unidade de uma verdadeira família com que tanto sonhara desde criança. Ao vê-los crescer, meus pensamentos iam muitas vezes para aquele homem, em algum lugar do outro lado do mundo, que poderia nunca vir a conhecer seus netos. Mas sentia que os laços entre um pai e uma filha são demasiado fortes para se destruírem.

Em 1987, diagnosticaram um câncer do pulmão em minha mãe e informaram que ela só teria alguns meses de vida. Certo dia, uma enfermeira me disse que ela queria me ver a sós. Iria finalmente falar-me acerca da guerra e de meu pai? Procurando não perder a compostura, entrei no quarto silencioso. Que fraca e vulnerável ela parecia! Seus olhos, grandes e ansiosos, procuraram os meus. Teria mudado de idéia? Sua respiração tornara-se rápida e curta, e de vez em quando parecia dormir. Lutando contra meus antigos sentimentos, peguei em sua mão e perguntei-me se ela conseguiria perceber minha presença.

Dois dias depois, mamãe levou seus segredos para o túmulo. O funeral constituiu outro passo no caminho que parecia me afastar cada vez mais de Salatiga e de meu

«SEU PAI ERA UM SOLDADO JAPONÊS»

pai. Até o dia em que o tio Benno me ligou.

DEVERIA eu esperar até falar com Ron? Não, era melhor entrar logo em contato com essa gente da JIN. Ronnie Hilgers, então presidente da organização, me disse: «Recebemos uma carta de Kazuo Satoh, dizendo: 'Procuro minha filha, Freda.'» Ouvei-o, chorando. Depois, ele prosseguiu: «Uma jornalista japonesa que se encontra na Holanda gostaria de falar com você. Chama-se Chizu Inaba e veio aqui para fazer uma reportagem sobre nosso trabalho com os filhos da guerra de origem japonesa.»

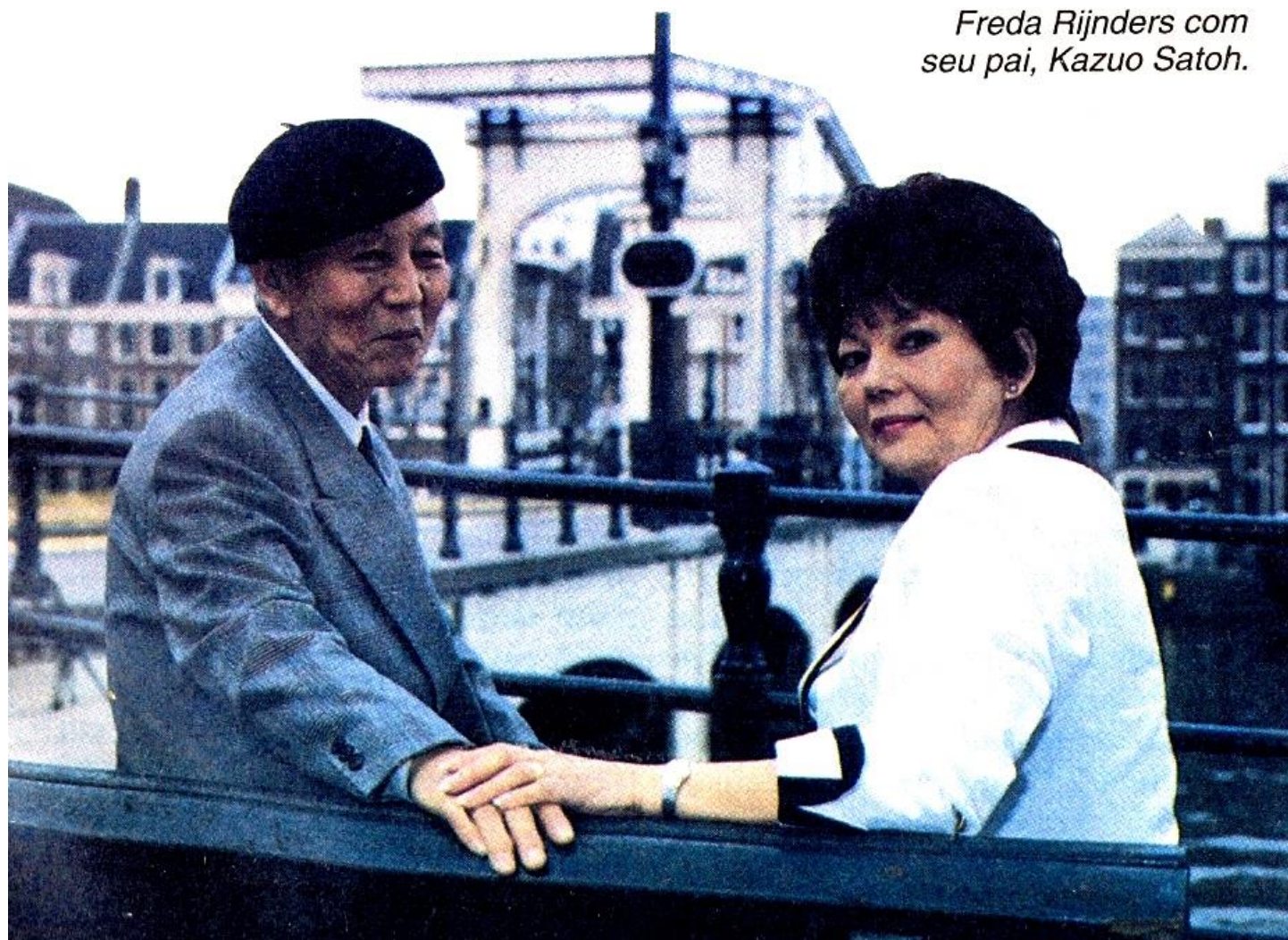
«A JIN estampou um apelo nos jornais japoneses conclamando que aparecessem os antigos soldados que

tiveram filhos de mulheres indonésias e holandesas. No jornal de Chizu, a carta de Kazuo Satoh foi a primeira a chegar.»

Era quase bom demais para acreditar. Parecia um sonho! Ouvei então um som de água correndo. Ron já se tinha levantado. Subi as escadas e caí-lhe nos braços. «Encontraram meu pai!», soluzei.

No dia seguinte, eu e Ron saímos cedo para ir a Wassenaar, onde Chizu nos aguardava. E ela trazia uma carta dele! A jornalista apontou para meu nome e eu, triunfante, voltei-me para o Ron: «Está vendo? É tudo verdade!», exclamei. Chizu ofereceu-se para traduzi-la: «Sou um dos pais que procuram seus filhos», leu. «Se a minha o permitir, gostaria

Freda Rijnders com seu pai, Kazuo Satoh.



muito de conhecê-la. O nome dela é Freda...» Levantou os olhos e acrescentou: «Seu pai nos deu um endereço em Kobe. Também tenho seu número de telefone.»

Que alegria! Poderia discar aquele número e falar com meu pai! Mas que diria ele? Minha mãe parecia se encontrar ainda entre nós dois. Percebendo meu desconforto, Ron voltou-se para ela: «Poderia telefonar para o pai da Freda e dizer-lhe que encontrou sua filha e que a mãe dela faleceu há quatro anos?»

Chizu discou o número, disse algo em japonês e depois olhou para mim. «Ele quer ouvir sua voz.»

Com as mãos trêmulas, peguei o fone e pressionei-o contra o ouvido. «Você está bem?», perguntou-me em inglês uma voz masculina precisa do outro lado da linha. Só pelo tom dela, compreendi que ele se preocupava comigo.

«Durante todos estes anos, desejei tanto vê-lo», balbuciei. «Se ao menos pudesse fazê-lo agora!» Depois, as emoções se tornaram fortes demais para ambos. Irrrompendo em lágrimas, pousei o telefone. Ao sair, entreguei a Chizu um álbum com fotografias minhas quando criança, para que o levasse a meu pai.

Uma semana depois, tínhamos nossa primeira conversa propriamente dita. Perguntei-lhe tudo e ele me respondeu a todas as perguntas. Conhecera minha mãe em 1944, quando era capitão do exército japonês. Ela tinha 23 anos e ele 24, e apaixonaram-se. Ele fora preso em 1945 e repatriado dois anos depois. Es-

crevera duas vezes à minha mãe, mas nunca obtivera resposta. Nunca mais a vira. «Não quis vir comigo para o Japão», me disse ele, que então se casara com uma moça japonesa. Esta lhe dera dois filhos, os quais haviam morrido muito cedo. Ele perdera igualmente a mulher havia quatro anos e vivia agora sozinho, aos 72 anos.

«No ano em que me aposentei, visitei Salatiga novamente», contou-me ele. Através de um médico que conhecera a família de minha mãe, ele soubera que tínhamos ido para a Holanda. «O ano passado, querendo ver o país de minha filha, visitei também a Holanda. Voltarei logo que possível.»

Três semanas depois, encontrava-me no saguão de chegada do aeroporto de Schiphol, com Ron, Michael e Chester, aguardando um vôo proveniente de Tóquio. Entre os japoneses à espera na esteira rolante das malas, vi um homem alto e elegante, com uma boina escura. Reconheci-o pela foto que me enviara: era meu pai. Mal ele entrou no saguão, corri para ele e caí em seus braços, não sentindo por um só momento que se tratasse de um estranho. Em seu rosto e sorriso revime a mim mesma. «Estou tão feliz!», confessei. Ele apertou-me: «Eu também estou imensamente feliz.»

Reparei, porém, que sua tristeza pela morte de minha mãe lhe toldeava aquela felicidade. Num dia cinzento de inverno, ele visitou o cemitério para depositar rosas vermelhas sobre sua campa.

Na volta para casa, o Ron e as crianças saíram para que eu e papai pudéssemos conversar à vontade. Ao vermos juntos os antigos álbuns de fotografias, ele colocou a mão sobre a minha e disse: «A coisa mais importante que tenho para lhe dizer é que eu e sua mãe nos amávamos.» Depois suspirou. «Ela tinha medo, sabe? Medo do que a família dela diria, e sentia-se também insegura a respeito da vida que levaria em meu país.»

Eu não sabia o que dizer. Durante todos aqueles anos, meu coração estivera cheio de ressentimento. No entanto, este homem bondoso e delicado falava de minha mãe como o grande amor de sua vida.

Em agosto do ano seguinte, já como filha de Kazuo Satoh também aos olhos da lei japonesa, visitei finalmente o país de meu pai. «Foi sempre meu sonho viajar com você e com a Nolly», me disse ele. Planejava uma excursão em redor da ilha de Kyushu e, em Takarazuka e Osaka, conheci sua família e amigos. Nas noites em que ficávamos a sós, passávamos horas conversando.

Durante o longo vôo de regresso, tive muito tempo para refletir. Fora mesmo uma viagem de contos de fadas! Nove dias durante os quais toda a minha perspectiva sobre a vida mudara. Encontrara meu pai, que era, realmente, aquele homem bondoso e delicado que eu imaginara por suas cartas.

Ele sofrera tanto como eu e fez-me ver mamãe, através de seus olhos, como uma jovem que não se atrevera a seguir seu coração. Ao recusar-se a dar a meu pai um lugar em sua vida, tinha-se fechado não só em relação a ele, mas também a mim. Compreendi que uma parte de mim crescera dura e rancorosa.

Agora, meu pai me ajudara a me libertar do passado. Fora um processo doloroso, mas, pela primeira vez em todos aqueles anos, pude pensar em minha mãe com uma compreensão mais profunda e perdoá-la pelas opções que fizera. Quisera que eu vivesse: amara-me. Como poderia eu odiá-la por isso? A cura que começara quando ouvi a voz de meu pai pela primeira vez estava agora completa.

FOTOS: PÁGINA 47, © 1992 DE COMSTOCK; PÁGINA 51, FOTOPERSBURO DIJKSTRA BV, UITHOORN

Pleno andamento

MEU AMIGO Harold e eu saímos para passar o final de semana fora, a bordo do calhambeque dele. Apavorado, eu rezava para que tudo corresse bem. De repente, ao descer uma lomba, reparei que Harold pisava insistentemente no freio. «Meu Deus, não me diga que estamos sem freios?!», gemi eu.

«Não se preocupe, Alex», disse ele calmamente. «Nenhum problema de freio vai nos fazer parar!»

— Alex J. Pasut, Canadá